



Editorial

O dia amanheceu chuvoso e em várias regiões da cidade haviam ocorrido desabamentos e inundações. Os mesários tiveram sérios problemas para chegar na seção eleitoral n. 14 e começaram a imaginar que os eleitores teriam as mesmas dificuldades. O presságio parecia se confirmar, pois, apenas após duas horas que a seção tinha sido aberta é que surgiu o primeiro eleitor. Durante todo o dia, mesmo a chuva tendo se acalmado, os eleitores vinham a conta-gotas. Chegavam, votavam e saíam completamente indiferentes, sem nada dizer ou comentar. As autoridades governantes já começavam a prever uma enorme abstenção na capital, que poderia abalar gravemente a democracia e a estabilidade não só do regime, mas de todo o sistema. As quatro horas da tarde, faltando apenas uma hora para encerrar os trabalhos nas seções, os eleitores começaram a sair de suas casas para votar. Muitos precisaram da ajuda de bombeiros e de voluntários para transpor as ruas alagadas e intransitáveis. Todos, mesmo os doentes, convergiam para as seções eleitorais para cumprir com sua obrigação cívica e de cidadania. Faltando alguns minutos para o encerramento oficial das seções, as filas de eleitores davam voltas nos quarteirões. O governo resolveu prorrogar o período eleitoral por mais 2 horas e meia. A sombra da abstenção havia se dissipado. Mas, o mais surpreendente ainda estava para ocorrer. À noite já eram divulgados os votos de cada partido: 13% para o partido da direita, 9% para o partido do meio e 2,5% para o partido da esquerda. Poucos votos nulos e abstenções. Mais de 70% de votos brancos.

O resultado inesperado fez o governo pensar que as chuvas torrenciais haviam abalado o civismo e resolveram convocar novas eleições, que ocorreriam no prazo de oito dias, afinal, a constituição federal previa que, no caso de catástrofe, novas eleições deveriam ser realizadas. Oito dias depois o dia amanheceu com um céu azul e Sol brilhante. Desde cedo os eleitores procuravam suas zonas eleitorais. O governo, buscando explicações para o que havia ocorrido na semana anterior, colocou em todas as filas de todas as seções eleitorais uma ou duas pessoas encarregadas de escutar e gravar os comentários dos eleitores, na tentativa de localizar algum boicote, algum movimento organizado que defendia o voto branco. Automóveis com câmeras de vídeo e microfones também procuravam conspiradores. Com tal aparato o governo se julgava protegido e seguro de qualquer ação que pudesse desvirtuar a pureza do ato eleitoral. Mas, só se ouviu e gravou frases insignificantes e comentários banais e corriqueiros. Nada de suspeito. Ninguém falava de eleições ou sobre candidatos, em nenhuma conversa pessoal ou familiar questões políticas ou tendências de votos eram discutidas. Às dez horas da



noite o primeiro-ministro fez um discurso televisivo anunciando o novo resultado das eleições: 8% para o partido da direita, 8% para o partido do meio e 1% para o partido da esquerda. Nenhuma abstenção e nenhum voto nulo. 83% de votos em branco. Ninguém comentou o pronunciamento, as pessoas simplesmente desligaram os televisores e foram dormir. Como se todos sentissem uma certa fadiga por todo o processo eleitoral.

Assim inicia *Ensaio sobre a lucidez* (Companhia das Letras, 2004), de José Saramago, que, com tom ácido e crítico, peculiar do autor, coloca em xeque os processos eleitorais, o dito ato cívico de votar e a própria eficácia e necessidade de existirem governantes, em suas mais variadas instâncias. *Ensaio sobre a lucidez* dialoga diretamente com seu antecessor *Ensaio sobre a cegueira*, publicado em 1995. Nos dois casos, o “branco” surge como uma metáfora. A “cegueira branca” representa um estado de não humanidade e de degradação do homem, o mundo individualista e oportunista no qual vivemos. O mundo do salve-se quem puder, do passar por cima sem olhar a quem¹. Já o “voto branco” é uma tentativa de sobrevivência ao estado de não humanidade, uma tentativa de criar outra forma de sociedade, não baseada no narcisismo e na competição, mas sim na solidariedade e na ajuda mútua.

Ao longo da narrativa, os cidadãos que votaram branco nas urnas, indiferentes à política, revelam um total comprometimento com a cidade que habitam, assumindo a responsabilidade de cuidá-la e administrá-la, para desespero das autoridades, que não poupam esforços em forjar e punir, inclusive com a morte, os responsáveis pelo voto branco. Nesse sentido, enquanto *Ensaio sobre a cegueira* cultivava a esperança na humanidade, acreditando que encontraria alternativas para o estado de cegueira, criando um mundo melhor, *Ensaio sobre a lucidez* assume um ar niilista, apontando para nenhuma saída, a não ser, aquela do sucesso dos poderosos e corruptos.

A cidade do voto branco foi criada pela imaginação criativa de Saramago, mas a proximidade com os acontecimentos eleitorais que ocorreram neste ano em várias capitais brasileiras, não é mera coincidência. De acordo com o TSE, 2016 registrou o maior índice de abstenções, votos nulos e brancos, ao todo mais de 38% do eleitorado deixou de votar. O romance ficcional de Saramago é apenas um exemplo de como a arte nos aproxima e nos faz refletir de forma mais lúcida e

¹ Para maiores reflexões sobre *Ensaio sobre a cegueira*, ver o texto *A “cegueira branca” poderá ser a última. Olhares sobre um mundo mais que em crise*, de Jorge Nóvoa e Soleni Biscouto Fressato, publicado no livro *Cinematógrafo, um olhar sobre a história* (EDUFBA, 2011).



crítica sobre a realidade social. A arte, mesmo quando possui um caráter fantástico e surreal, mesmo que trilhando o caminho da ficção e de uma elaboração mais poética, mesmo que não reflita de forma organizada, possuindo um alto grau de subjetividade que deve ser considerada, jamais perde o vínculo com a realidade social que a gerou. Com seus elementos estéticos e sensíveis, é uma forma de consciência social e, inevitavelmente, de se conhecer a realidade.

O cinema, enquanto expressão artística, possui um potencial – em muitos aspectos, ainda maior para a criação de representações do real, produzindo um complexo sistema que pode aproximar ainda mais as narrativas ditas ficcionais da realidade objetiva, pois, além de ser uma importante linguagem produtora de representações sociais, é portador de um discurso complexo e particular, devido a sua combinação de imagens, cores, sons, movimentos e ideia, que o aproxima ainda mais da realidade vivida.

Os filmes, além de serem uma representação, nos revelam aspectos latentes, mas não facilmente capturáveis, da realidade social. Possuindo autonomia, “escapando” ao seu criador, o cinema faz uma *contra análise* da sociedade, como diria Ferro (1995), uma análise descritiva e narrativa que, em alguns momentos, supera a produção acadêmica sobre determinados fenômenos. Porém, essa realidade não se apresenta diretamente. Deve-se buscar o não-visível no visível, o conteúdo latente no que é aparente, ou ainda, como diria Marx, e antes dele, Hegel, buscar a essência partindo da aparência. Os enredos dos filmes, notadamente os ficcionais, possuem um conteúdo aparente, uma imagem da realidade, matéria-prima para os investigadores das ciências humanas, por meio de diversos métodos, buscarem o conteúdo latente, a realidade social não visível: “um filme, qualquer que seja, sempre excede seu conteúdo. (...) [atingindo] uma zona da história que permanecia oculta, inapreensível, não visível” (FERRO, 1995, p. 213).

Este número 23 de *O Olho da História*, que intitulamos ***Olhares do cinema sobre o mundo e sua história***, revela toda essa potencialidade do cinema, em apresentar e problematizar questões, não de forma linear e cartesiana, mas com toda a complexidade que lhe é peculiar. Dedicamos este número, mais uma vez, a Marc Ferro e à Cristiane Carvalho da Nova (in memoriam, desde 2012), assim como a todos que de boa vontade e generosamente vem colaborando com a Revista *O Olho da História*. Ela surgiu entre nós em grande parte buscando trazer ao Brasil - e à prática da história e das ciências sociais, a teoria e a prática das relações entre o cinema e a história. A tais relações complexas e dialéticas passamos a denominar cinema-história, tamanha a nossa convicção de que o cinema não é apenas documento, testemunha passiva-ativa dos fenômenos, mas também portador de



discursos, interpretações sobre a história e os processos sociais. O cinema é ainda, ou pode ser, um veículo da prática pedagógica, ele, sozinho, já é um fato social e histórico, mas é também, através de seus diretores, interlocutores maiores para os cientistas sociais, para os filósofos, para os psicólogos e psicanalistas, antropólogos, etnólogos que podem se debruçar sobre a história do cinema, mas que podem se enriquecer da história que elaboram, conscientemente ou inconscientemente, seus autores que na maioria das vezes se creem apenas artistas. A distância entre a ciência e a arte pode ser, com muita dificuldade, a intenção de seus autores.

Quando em 1994, junto com Cris, decidimos fundar a Oficina Cinema-História e em 1995 quando decidimos lançar a Revista *O Olho da História*², não tínhamos tanta certeza que seríamos capazes de fazê-la sobreviver durante tantos anos, embora nossa determinação fosse muito grande. Hoje, não apenas sua longevidade nos dá prazer, mas o espaço institucional, o reconhecimento extra institucional e científico, nos dá muita honra e constitui o maior tributo que podemos oferecer àqueles que ao longo destes percursos nos ofereceram generosamente seus prestígios, suas criações, suas ciências. Aos nossos leitores dizemos que, quando vocês estiverem lendo este editorial, os números de acesso à Revista já não serão mais os mesmos, mas do dia 02 de julho de 2015 a hoje, 16 de dezembro de 2016, obtivemos 34.227 acessos. Queremos multiplicar este número em 2017. A todos os nossos leitores, especializados ou cidadãos comuns, o nosso mais sincero agradecimento. Esperamos poder continuar trazendo o melhor que podemos em ciência e arte.

Obras citadas

FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade? In. LE GOFF, Jacques. NORA, Pierre. *História. Novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p. 199-215.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Ensaio sobre a lucidez*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

² Ver *Cinema-História. Teoria e representações sociais no cinema* (Apicuri, 2012).